

## *A justaposição conflitual entre fé e razão em Paul Ricoeur*

Vitor Chaves de Souza<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo apresenta aquilo que Paul Ricoeur denominou de justaposição conflitual. Dividido entre a adesão religiosa e o ofício filosófico, o diálogo entre fé e razão promove um conflito produtivo. O resultado do diálogo possibilita uma tarefa negativa, cuja consequência aponta para uma filosofia de expressão cristã. Na gênese do próprio conflito encontra-se a meditação de uma vida orientada pelo ato de filosofia na esfera da justaposição. O artigo tem como objetivo a demonstração da importância da justaposição conflitual na filosofia de Ricoeur para os estudos em teologia e religião.

**Palavras Chave:** Paul Ricoeur; fé; razão; conflito; destino.

**Abstract:** This paper presents Paul Ricoeur's so called conflictual juxtaposition. The dialogue between faith and reason raises a productive conflict among religious affiliation and philosophical occupation. The result of this assignment leads to a negative task in which it is possible to speak about a philosophy of Christian expression. In the roots of this conflict lies the meditation of a life guided by the philosophical act within the juxtaposition. The objective of this research will demonstrate the importance of the conflictual juxtaposition in Paul Ricoeur's philosophy for the study of Theology and religion.

**Keywords:** Paul Ricoeur; faith; reason; conflict; destiny.

### **Introdução**

O filósofo francês Paul Ricoeur interessou-se, na diversidade da hermenêutica, pela reflexão teológica juntamente com o seu ofício filosófico. Não é segredo, em sua vida acadêmica, a adesão cristã. De tradição protestante reformada, na França, a confissão religiosa acompanha e, de certo modo, perpassa suas obras filosóficas. Ricoeur nunca escondeu a adesão à fé cristã.<sup>2</sup> Ele é conhecido como “um leitor da Bíblia.”<sup>3</sup> Um olhar rápido sobre suas obras não captam a profundidade da dimensão religiosa em seu pensamento. Ao mesmo tempo, a consideração simplista de sua fé pode causar estranhamento estéril. Não por acaso Jean-Paul Sartre denominou Ricoeur por “o pastorzinho da fenomenologia”<sup>4</sup> – dupla crítica implícita: a adesão religiosa e a apropriação da fenomenologia por Ricoeur. Entretanto, a exploração das preocupações religiosas nos textos de Ricoeur abrem um outro horizonte: uma vida conflituosa entre uma prática agnóstica, na filosofia, e a confissão cristã, na religião. Nem o ateísmo, nem a filosofia cristão. A intenção deste texto é demonstrar a face de Ricoeur como *um filósofo de expressão cristã*. À este respeito ele dedicou um esforço incansável de trabalho teológico em diálogo com a filosofia sem a pretensão de ser confundido por teólogo que faz filosofia ou filósofo que faz teologia. A leitura de suas obras é orientada pela sua autobiografia e entrevistas, de modo a elucidar a singularidade da posição da fé em sua filosofia.

### **Um filósofo sem absoluto**

Ao longo de sua carreira, a dimensão teológica da reflexão da vivência espiritual ganhou espaço em seus textos sem perder o solo da filosofia. Ricoeur ficou

---

<sup>1</sup> Teólogo e Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo.

<sup>2</sup> Cf. MONGIN, Olivier. *Paul Ricoeur*. Paris: Éditions du Seuil, 1994, pp. 200-204.

<sup>3</sup> MANDRY, Christof. “The Relationship Between Philosophy and Theology in the Recent Work of Paul Ricoeur”, In: JUNKER-KENNY, Maureen, KENNY, Peter. (Org.) *Memory, Narrativity, Self and the Challenge to Think God*, p. 63.

<sup>4</sup> Cf. REAGAN, Charles. “Conversations With Paul Ricoeur”, In: VERHEYDEN, J. HETTEMA, T. L., VANDECASTEELE, P. *Paul Ricoeur – Poetics and Religion*. Uitgeverij Peeters: Leuven-Paris-Walpole, MA, 2011, p. 229.

conhecido entre seus leitores por distinguir os campos da religião, por um lado, e o pensamento filosófico, por outro lado. “Eu queria”, declarou em sua autobiografia intelectual, “permanecer fiel ao antigo pacto que fizera, no qual as fontes não-filosóficas da minha convicção não seriam misturadas com os argumentos do meu discurso filosófico”<sup>5</sup>. Influenciado por Karl Barth e sua defesa à separação entre fé e razão, teologia e filosofia<sup>6</sup>, seu caminho permitia cruzamentos entre a razão filosófica e a reflexão religiosa. “Tive a preocupação – ao viver uma espécie de dupla fidelidade – de não confundir as duas esferas, de fazer justiça a uma negociação permanente no seio da polaridade bem instalada”<sup>7</sup>, esclareceu Ricoeur sobre o seu posicionamento de filósofo e religioso.

Devemos ressaltar a autonomia de seu pensamento filosófico.

Empenhava-me muito em ser reconhecido como um professor de filosofia, que ensina filosofia numa instituição pública e fala o discurso comum, portanto, com todas as reservas mentais, inteiramente assumidas, que isso supunha, pronto a deixar-me acusar periodicamente de ser um teólogo disfarçado que filosofa, ou um filósofo que faz pensar ou deixa pensar o religioso. Assumo todas as dificuldades desta situação, inclusive a suspeita de que, na realidade, não terei conseguido manter essa dualidade tão estanque.<sup>8</sup>

Na introdução do livro *O Si-Mesmo Como Um Outro*, Ricoeur expõe a intenção de buscar um “discurso filosófico autônomo” para proporcionar conclusões filosóficas que se sustentam por si mesmas.<sup>9</sup> A respeito da separação do domínio filosófico e da tradição religiosa, Peter Kenny dissecou, em três etapas, os movimentos ricoeurianos nos dois domínios: no início de sua pesquisa, as fronteiras da filosofia e da teologia eram fluídas e confusas; na segunda etapa, buscando o rigor filosófico, as demarcações estabelecidas tornaram-se evidentes; e, por fim, no terceiro estágio, Ricoeur sentiu-se livre novamente para envolver os dois discursos.<sup>10</sup> Tal elucidação evita o equívoco de estipularmos uma meta exclusiva da religião no pensamento de Ricoeur, conforme aconteceu com Henry Isaac Venema e a sua teoria de que “a exploração filosófica de Ricoeur não pode ser isolada da fé religiosa, pois ela é motivada profundamente pela sua fé cristã”<sup>11</sup>. É comum encontrarmos nos especialistas em Ricoeur apontamentos acerca do cuidado do filósofo em não resumir a religião à um projeto filosófico, como também não fazer de sua filosofia um espaço

---

<sup>5</sup> “I wanted to remain faithful to the old pact I had made that the non philosophical sources of my conviction would not be mixed together with the arguments of my philosophical discourse.” RICOEUR, Paul. “Intellectual Autobiography”, In: *The Philosophy of Paul Ricoeur*. The Library of Living Philosophers XXII, ed. Lewis Edwin Hahn. Chicago: Open Court, 1995, p. 50.

<sup>6</sup> Cf. VINCENT, Gilbert. *La religion de Ricoeur*, 2008, p. 41.

<sup>7</sup> RICOEUR, Paul. *A Crítica e a Convicção*, 2009, p. 17.

<sup>8</sup> RICOEUR, Paul. *A Crítica e a Convicção*, 2009, p. 237.

<sup>9</sup> “O primeiro motivo da exclusão, que sei ser discutível e talvez lamentável, diz respeito à preocupação que tive em manter até a última linha um discurso filosófico autônomo”. RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como outro*, 2014, p. XL.

<sup>10</sup> Cf. KENNY, Peter. “Conviction, Critique and Christian Theology”, In: *Memory, Narrativity, Self and the Challenge to Think God: The Reception within Theology of the Recent Work of Paul Ricoeur*. Munster: LIT Verlag, 2004, pp. 92-102.

<sup>11</sup> “Ricoeur’s philosophical explorations have indeed been deeply motivated by his Christian faith and cannot be isolated from his religious faith”. VENEMA, Henry Isaac. “The Source of Ricoeur’s Double Allegiance”, In: TREANOR, Brian; VENEMA, Henry Isaac. *A Passion for the Possible: Thinking with Paul Ricoeur*. New York: Fordham University Press, 2010, p. 63.

profético.<sup>12</sup> Em uma importante nota editorial à obra *Leituras 3: Nas Fronteiras da Filosofia* – obra que reúne artigos importantes do autor acerca da teologia e religião – Olivier Mongin enfatiza: Ricoeur “não deixou de distinguir os regimes próprios dos discursos teológicos e filosóficos, de marcar os limites impostos aos seus diferentes trabalhos com o fim de evitar a ‘confusão dos gêneros’ ou a ‘falsa síntese’”<sup>13</sup>. Se houver um posicionamento radical em Ricoeur, com segurança o situamos na distinção dos dois domínios. Por isso o agnosticismo em seu trabalho deve ser enaltecido. “Sou agnóstico no plano filosófico”<sup>14</sup>, esclarece sobre sua relação com a tradição religiosa. Uma vez posto o problema da existência de Deus, interpretado como uma antropologia, Ricoeur abre a abordagem religiosa para que esta seja mediada pela filosofia. Afinal, para ele, a teologia é uma questão para a filosofia. O lugar da fé, no tropeço da sabedoria humana, aponta para a tarefa do pensamento engajado filosoficamente e comprometido com raízes religiosas. Ambas, filosofia e teologia, podem usufruir das reflexões e questionamentos que cada uma aponta, em suas linguagens.

Do mesmo modo que a filosofia teria na religião uma fonte de símbolos originais que dão o que pensar, Ricoeur sustenta: “é necessário localizar com precisão o ponto onde a sabedoria humana tropeça; porque este é o lugar da fé.”<sup>15</sup> Deve-se destacar que se trata de uma posição na qual a dificuldade da filosofia acompanha a dificuldade da teologia. O trabalho teológico pode parecer tímido, mas não é menor. De acordo com Gilbert Vincent,

se nós reuníssemos todos os textos de Ricoeur consagrados ao estudo do horizonte da crença (do crer) — afinal, este é, provavelmente, no que diz respeito à religião, o objeto principal de suas preocupações — nós chegaríamos a um volume tão importante (grande) que indicaria uma produção que exceda de longe, nem que fosse (pelo menos) quantitativamente, a de qualquer outro filósofo.<sup>16</sup>

Entretanto, a produção em teologia e religião deslocava-se de qualquer pretensão sistemática na identificação com a sua obra filosófica. Ricoeur nunca escreveu um compêndio de religião ou teologia sistemática pois, segundo ele, “a unidade da verdade é apenas uma tarefa intemporal, pois é a primeira de uma esperança escatológica”<sup>17</sup>. Tanto que ele denominou os artigos reunidos na coleção *Leituras* por “crônicas”. Desde os primeiros escritos, nos idos da década de 50 e 60, ele se contentava com a abordagem livre e poética acerca dos escritos em religião. A título de exemplo, “La condition du philosophe chrétien” [sur R. M.EHL, La condition du philosophe chrétien], In: *Christianisme social*, 56, (1948), 551-557; “Réflexions sur « Le diable et le Bon Dieu »”, In: *Esprit*, 19 (1951), novembre, 711-719; “Prospective du monde et perspective chrétienne”, In: *Cahiers de Villemétrie*

---

<sup>12</sup> Cf. MONGIN, Olivier. *Paul Ricoeur*. Paris: Ed. Du Seil, 1994, especialmente o quinto capítulo.

<sup>13</sup> MONGIN, Olivier, In: RICOEUR, Paul. *Leituras 3: Nas fronteiras da filosofia*, p. 7.

<sup>14</sup> RICOEUR, Paul. *A Crítica e a Convicção*, 2009, p. 237.

<sup>15</sup> “Il est nécessaire de situer avec précision le point où la sagesse humaine vient achopper; car ce point est le lieu de la foi.” RICOEUR, Paul. “Note sur les rapports de la philosophie et du christianisme”, In: *Le Semeur*, 1936, n°9, p. 542.

<sup>16</sup> “Si l’on rassemblait tous les textes consacrés par Ricoeur à l’étude de l’horizon de la croyance – car tel est probablement, en matière de religion, l’objet principal de ses préoccupations –, on parviendrait à un volume si important qu’il indiquerait un production dépassant de loin, ne serait-ce que quantitativement, celle de tout autre philosophe.” VINCENT, Gilbert. *La religion de Ricoeur*, 2008, p. 12.

<sup>17</sup> “I maintain that the unity of truth is a timeless task only because it is at first an eschatological hope.” RICOEUR, Paul. *History and Truth*, 1965, p. 55.

(Prospective et planification), 1964, n° 44, 16-37; são alguns dos diversos artigos apresentados como crônicas ao invés de artigos acadêmicos (mesmo carregando o método e o rigor científico de seus textos filosóficos). Indicou, por fim, a filosofia ter na religião um discurso autônomo para encher a interpretação dos textos antigos.

O seu trabalho filosófico ficou marcado pelo dualismo entre agnosticismo e adesão religiosa<sup>18</sup> e, conseqüentemente, por uma “dupla fidelidade” [*double allégeance*].<sup>19</sup> Trata-se de um conflito interior, desde o início de sua licenciatura, contrastado em *As Duas Fontes da Moral e da Religião*, de Bergson, de um lado, e o regresso radical e anti-filosófico ao texto bíblico, de Barth, por outro lado. Nesta fase, Ricoeur identificou um estágio fervente de sua formação como o conflito entre a filosofia religiosa de tipo bergsoniano e o radicalismo barthiano. A esta fase, que caracterizou as intervenções relativas à filosofia da religião em seu pensamento, Ricoeur nomeou-a de *justaposição conflitual*. Para compreendermos a dimensão da justaposição conflitual, precisamos seguir com a tarefa negativa.<sup>20</sup>

### Um filósofo de expressão cristã

A despeito da neutralidade filosófica, a produção de não-filosofia tem um espaço importante no pensamento de Ricoeur. A religião é a produção de não-filosofia por excelência no pensamento ricoeuriano.<sup>21</sup> Herdeiro de Gabriel Marcel, a fé denota um certo paradoxo, um certo *escândalo*. Pois, enquanto “feito único”, i.e., a encarnação de um modo autêntico de ser, a fé reside no escândalo de temas pelos quais não há clareza em si próprios. Tal entrega e adesão, mesmo dividida em diferentes feitos, é o abraço da gratidão sem restrição.

Um certo escândalo é, não apenas uma admissão ou mesmo uma aceitação, um abraço com gratidão desesperada e sem restrição. A partir do momento em que acontece o contrário, onde o filósofo busca por qualquer método atenuar esse escândalo, esconder esse paradoxo ou reduzi-lo em uma dialética da razão ou da mente, nesta medida particular, ele deixa de ser filósofo cristão.<sup>22</sup>

Nesta dinâmica, há um estado [*statut*] da filosofia para o cristão que exige uma tarefa. “A tarefa do cristão que filosofa pode ser considerada em duas formas, de acordo com dois movimentos de pensamento com significados muito diferentes”, sustenta Ricoeur.<sup>23</sup> Duas formas, dois movimentos. A primeira via trata da síntese; a segunda, da apologética. Na síntese, o trabalho do cristão situa as diferentes disciplinas do ser humano que fornecem sentidos na esfera da religião. Este situar é um ato filosófico do assumir a fé em sua complexidade existencial. “Amarás, pois, ao

<sup>18</sup> RICOEUR, Paul. *A Crítica e a Convicção*, 2009, p. 236-237.

<sup>19</sup> RICOEUR, Paul. *La critique et la conviction*, Paris: Calmann-Lévy, 1995, p. 17.

<sup>20</sup> BLUNDELL, Boyd. *Paul Ricoeur Between Theology and Philosophy: Detour and Return*. Bloomington: Indiana University Press, 2010, p. 65.

<sup>21</sup> VINCENT, Gilbert. *La religion de Ricoeur*, 2008, p. 18.

<sup>22</sup> “Un certain scandale est, non point seulement admis ou même accepté, mais étreint avec une gratitude éperdue et sans restriction. Dès le moment au contraire où le philosophe cherche par un procédé quelconque à atténuer ce scandale, à masquer ce paradoxe, à résorber le donné révélé dans une dialectique de la raison ou de l’esprit, dans cette mesure précise, il cesse d’être un philosophe chrétien”. MARCEL, Gabriel. “Compte-rendu”, In: *La Nouvelle Revue des Jeunes*, 15, 1932 *apud* RICOEUR, Paul. “Note sur les rapports de la philosophie et du christianisme”, In: *Le Semeur*, 1936, n°9, p. 548.

<sup>23</sup> “La tâche du chrétien qui philosophe peut être envisagée de deux façons, selon deux mouvements de pensée de sens très différents”. RICOEUR, Paul. “Note sur les rapports de la philosophie et du christianisme”, In: *Le Semeur*, 1936, n°9, p. 549.

Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças” (Marcos 12:30). A adesão religiosa, antes de um empecilho ou impedimento, implica na reflexão dialógica da crença com a filosofia. O cristão que filosofa enaltece tudo o que carrega sentido, nas diversas esferas da vida, em diálogo com a filosofia: situa-se a arte e função artística em relação à fé e à vida religiosa, a ciência em relação à salvação, os problemas da filosofia comum aos ensinamentos da fé.<sup>24</sup> Em suma, os elementos da síntese revelam uma teologia descolada da dogmática e indica métodos filosóficos, uma vez que esses se encontram nos critérios racionais e naturais. A via da apologética, por outro lado, enquanto problema de abordagem, ressalta a dificuldade da relação da fé com as demais ciências humanas.<sup>25</sup> Há uma inclinação exclusiva aos elementos da fé, enquanto sentimento, razão e prática preparam a reflexão para a adesão religiosa. Um dos expoentes desta vertente é Tomás de Aquino e a preparação positiva do ato da fé que converge toda palavra e pensamento na crença em Deus.<sup>26</sup> Para Aquino – o último grande mestre de um cristianismo não dividido –, todas as faculdades humanas estão a serviço de Deus, principalmente a razão mais elevada.<sup>27</sup> Outro expoente, segundo Ricoeur, é Karl Barth e a iniciação à conversão. Para o teólogo suíço e reformado, há um conteúdo exclusivo da revelação que não cabe no humanismo secular. A exclusividade de tais conteúdos aprofundam o pensamento cristão na inquietude e desespero do mundo, tornando urgente o caminho da conversão. Há, evidentemente, no pensamento de Barth, um apontamento para o conhecimento do si e do mundo diante da leitura do Evangelho. Entretanto, a vida da liberdade cristã é restrita a um “falar de Deus”, exclusivamente.<sup>28</sup>

Embora estas duas indicações pareçam distintas, em tensão elas permitem uma terceira via, denominada por Ricoeur como a *tarefa negativa*. Ricoeur sugere a supressão dos obstáculos no ato de filosofar do cristão.<sup>29</sup> A tarefa do filósofo de expressão cristã é criticar a pretensão das ciências e dos filósofos em estipularem uma resposta última, enquanto síntese, e um rompimento da adesão religiosa que não passa pela reflexão da ingenuidade, enquanto apologética. A filosofia motivada pelo cristianismo, portanto, trata-se de uma *filosofia crítica*. Neste sentido, a filosofia do filósofo de expressão cristã é uma ciência dos limites.<sup>30</sup> Trata-se de uma reflexão essencialmente socrática, levemente “irônica”, afinal busca romper com a ingenuidade. Diante da instabilidade oriunda do atrito entre fé e faculdades humanas, a tarefa negativa ressalta a dialética da apologética negativa e positiva. Se a apologética negativa denuncia as usurpações do mundo e os limites da sabedoria humana, a

---

<sup>24</sup> “Ce travail d’expression est avant tout un travail de raccords, de *synthèse*. Il importe de situer les différentes disciplines de l’homme par rapport à ce qui leur donne tout leur sens ; par exemple, il faut situer l’art et la fonction de l’artiste par rapport à la foi et à la vie religieuse, situer la science, ses légitimes ambitions, ses résultats actuels par rapport au salut ; enfin rattacher les problèmes de la philosophie commune aux enseignements d’e la foi”. RICOEUR, Paul. “Note sur les rapports de la philosophie et du christianisme”, In: *Le Semeur*, 1936, n°9, p. 550.

<sup>25</sup> Cf. RICOEUR, Paul. “Note sur les rapports de la philosophie et du christianisme”, In: *Le Semeur*, 1936, n°9, p. 551.

<sup>26</sup> AQUINO, Tomás. *Suma Teológica*, Vol. 1., São Paulo: Loyola, 2001, p. 147.

<sup>27</sup> Cf. RICOEUR, Paul. “Note sur les rapports de la philosophie et du christianisme”, In: *Le Semeur*, 1936, n°9, p. 552.

<sup>28</sup> Cf. RICOEUR, Paul. “Note sur les rapports de la philosophie et du christianisme”, In: *Le Semeur*, 1936, n°9, p. 554.

<sup>29</sup> “Le philosophie chrétien a une autre tâche que la synthèse dont nous parlions plus haut : non pas une préparation positive à l’acte de foi, non pas une initiation à la conversion, mais une tâche négative, une suppression d’obstacles” RICOEUR, Paul. “Note sur les rapports de la philosophie et du christianisme”, In: *Le Semeur*, 1936, n°9, p. 556.

<sup>30</sup> Cf. RICOEUR, Paul. “Note sur les rapports de la philosophie et du christianisme”, In: *Le Semeur*, 1936, n°9, p. 556.

apologética positiva, na palavra de Deus “Você, siga-me” [*toi, suis-moi*], apresenta um caminho diante do negativo que não é, necessariamente, reconstruído dialeticamente: trata-se de um *encontro* e uma *constatação*.<sup>31</sup> Encontro com o diferente que faz pensar diferente; constatação de posições que pedem por novas verificações.

Constata Gilbert Vincent:

A originalidade do empreendimento filosófico de Paul Ricoeur, a este respeito, é de empreender os preconceitos subjacentes às representações em via de construir o novo espaço de encontro de uma razão mais modesta e uma religião mais crítica com respeito as suas afirmações e práticas.<sup>32</sup>

Ricoeur não oscila de uma área à outra, da filosofia à teologia ou da teologia à filosofia, sem que os limites estejam demarcados e sem certificar ao leitor sobre o que o mesmo lerá. Dominique Janicaud, ao analisar a virada da teologia [*theological turn*], elogiou a rígida distinção entre as disciplinas de filosofia e teologia em Ricoeur<sup>33</sup>, de modo que tal distinção permitiria um novo modo de pensamento. A distinção entre teologia e filosofia não diz respeito à nenhuma desconfiança profissional ou nem mesmo convicção pessoal, mas, segundo Christina Gschwandtner – que mapeou e distinguiu a questão da religião na obra de Paul Ricoeur – esta separação é parte do próprio método filosófico de Ricoeur.<sup>34</sup> Sendo assim método, é possível o lugar da razão e qualquer face do agnosticismo, assim como também o ato singular de crer.<sup>35</sup> Nas palavras dele: “mantive-me fiel a uma estratégia de partir lentamente do meu trabalho familiar, eu queria buscar em tradições extra-bíblicas o encorajamento para um *outro* modo de falar”, que era o filosófico com raízes cristãs.<sup>36</sup>

O outro modo de falar aponta para uma tarefa de pensamento original, oriunda da justaposição conflitual entre fé e razão e mediada pela tarefa negativa. Notamos que Ricoeur não se encontra exclusivamente no agnosticismo científico, muito menos na confissão religiosa radical. Na conclusão de *A Simbólica do Mal*, a hipótese do trabalho de Ricoeur é de ser impossível simplesmente justapor reflexão e confissão – filosofia e religião. A filosofia e a teologia encontram-se em esferas comum, de modo que o diálogo entre elas alarga a interpretação e a coerência dos sentidos em reflexão mútua.<sup>37</sup> Com esta motivação Ricoeur se denominava “um cristão de expressão filosófica, assim como Rembrandt é um pintor e cristão de expressão pictural

---

<sup>31</sup> “Il se recontre et se constate”, RICOEUR, Paul. “Note sur les rapports de la philosophie et du christianisme”, In: *Le Semeur*, 1936, n°9, p. 557.

<sup>32</sup> “L’originalité de l’entreprise philosophique de Paul Ricoeur, à cet égard, est d’entreprendre les préjugés sous-tendant les représentations en vue de construire le nouvel espace de rencontre d’une raison devenue plus modeste et d’une religion devenue plus critique à l’égard de ses affirmations et de ses pratiques”. VINCENT, Gilbert. *La religion de Ricoeur*. Les Éditions de l’Atelier/Éditions Ouvrières: Paris, 2008, p. 11.

<sup>33</sup> Cf. JANICAUD, Dominique. *Phenomenology and the “Theological Turn”*: The French Debate, New York: Fordham University Press, 2001, p. 34.

<sup>34</sup> “Ricoeur’s stronger divisions between the two are rooted not simply in professional insecurity or personal conviction, but in his particular philosophical approach”. GSCHWANDTNER, Christina. “Paul Ricoeur and the Relationship Between Philosophical and Religion in Contemporary French Phenomenology”. In: *Études Ricoeuriennes*, Vol 3, No. 2, 2012, p. 8.

<sup>35</sup> RICOEUR, Paul. *Living up to Death*, 2007, p. 71.

<sup>36</sup> “Remaining faithful to a strategy of going slow familiar from my work, I want to seek in extrabiblical traditions encouragement for another way of speaking”. RICOEUR, Paul. *Living up to Death*, 2007, p. 72.

<sup>37</sup> RICOEUR, Paul. *A Simbólica do Mal*, 2013, pp. 365-366.

simplesmente e Bach é um músico e cristão de expressão musical simplesmente”.<sup>38</sup> Segundo Olivier Abel<sup>39</sup>, Ricoeur responde negativamente à questão “eu sou um filósofo cristão?”, pois, para ele, há algo acima da salvação radical e da justificação dos pecadores: a *justificação da existência*.<sup>40</sup> O seu cristianismo de expressão filosófica inclui a preocupação da existência, indo além de qualquer método filosófico ou adesão religiosa. O compromisso com a questão do ser libera a exegese religiosa para uma outra esfera do conhecimento que se difere da dogmática. Abel sugere, a título de exemplo, que Jesus se preocupava a despeito de tudo com um “presente diferente”, com a face a morte, ao invés de se preocupar com o futuro distante e a vida após a morte. Esta interpretação provém da tensão de um cristianismo de expressão filosófica. Ao trabalhar esta tensão, na crônica *A Condição do Filósofo Cristão*, Ricoeur observou: “é assim que a *tensão* também é *diálogo*”<sup>41</sup>. A justaposição conflitual é o lugar do diálogo por excelência entre fé e razão no pensamento de um filósofo que não suspendeu o cristianismo de seu labor filosófico.

### O acaso da fé, o destino da escolha

Até aqui conferimos o lugar do agnosticismo e da fé em Ricoeur. A intersecção dos dois lugares faz emergir uma ideia peculiar e apontar uma questão: qual a implicação da justaposição conflitual entre fé e razão? A justaposição conflitual, como apresentada no parágrafo anterior, é o lugar do diálogo. O diálogo não se dá apenas em narrativas, mas num movimento interior de questionamento, aceitação e mudança de pensamentos e ações. A face mais visível da justaposição conflitual, na metáfora da fé cristã do filósofo, foi revelada em seu primeiro texto póstumo, *Vivo Até a Morte*, publicado em 2008, onde Ricoeur indica que a fé cristã é “um acaso transformado em destino por uma escolha contínua”.<sup>42</sup> Ser cristão extrapola os limites dogmáticos ou tradicionais. Antes de tudo, abraça preocupações, tanto de motivações filosóficas como religiosas, acerca da alteridade, da vulnerabilidade, da finitude e do reconhecimento. Segundo ele, o cristão é “alguém que professa a adesão primordial à vida, palavras e morte de Jesus”<sup>43</sup>. Ricoeur acompanha a tradução de André Chouraqui da palavra grega *pistis* (que poderia ser traduzida por “fé”) enquanto *adesão*, aderência absoluta.<sup>44</sup> O cristianismo se insere entre o destino e a convicção. É no sentido vivencial do assumir o destino que há a escolha constante. O termo adesão, deste modo, apresenta-se como o mais adequado, uma vez que a adesão à determinada tradição interpela vivências e aproxima uma esperança imanente enraizada na crença do transcendente.<sup>45</sup>

“Transformar o acaso em destino” é uma expressão que aparece frequentemente nos escritos de Ricoeur, conforme também notou Gilbert Vincent<sup>46</sup>,

---

<sup>38</sup> “Je ne suis pas un philosophe chrétien, comme la rumeur en court, en un sens volontiers péjoratif, voire discriminatoire. Je suis, d’un côté, un philosophe tout court, même un philosophe sans absolu, soucieux de, voué à, versé dans l’anthropologie philosophique. Et, de l’autre, un chrétien d’expression philosophique, comme Rembrandt est un peintre tout court et un chrétien d’expression picturale et Bach un musicien tout court et un chrétien d’expression musicale.” RICOEUR, Paul. *Vivant jusqu’à la mort: suivi de fragments*, 2007, p. 24.

<sup>39</sup> Professor de filosofia no *L’Institut Protestant de Théologie de Paris* e diretor do *Fons Ricoeur*.

<sup>40</sup> Cf. ABEL, Olivier In: RICOEUR, Paul. *Living up to Death*, 2007, p. xviii.

<sup>41</sup> RICOEUR, Paul. *Leituras 3 – Nas Fronteiras da Filosofia*, 1996, p. 144.

<sup>42</sup> “‘Un hasard transformé en destin par un choix continu’: mon christianisme”. RICOEUR, Paul. *Vivant jusqu’à la mort: suivi de fragments*, 2007, p. 99.

<sup>43</sup> “A Christian: someone who professes a primordial adhesion to the life, the words, the death of Jesus”. RICOEUR, Paul. *Living up to Death*, 2007, p. 69.

<sup>44</sup> Cf. DOSSE, François. *Paul Ricoeur: Les sens d’une vie (1913-2005)*, p. 556.

<sup>45</sup> RICOEUR, Paul. *Living up to Death*, 2007, p. 63.

<sup>46</sup> Cf. VINCENT, Gilbert. *La religion de Ricoeur*, p. 122.

sobretudo quando desejou responder à questão de sua adesão religiosa. Essa fórmula versar sobre uma filosofia reflexiva que tem no horizonte a dimensão do voluntário e do involuntário.

No coração da minha própria convicção, da minha própria confissão, eu reconheço que há um fundo que não posso controlar. Eu discirno no fundo da minha adesão uma fonte de inspiração que, por sua exigência de pensamento, sua força de mobilização prática e sua generosidade emocional, ultrapassa a minha capacidade de acolhimento (recepção) e compreensão.<sup>47</sup>

A mediação da fé em Ricoeur implica numa reflexão a respeito do papel da adesão religiosa, considerando o mistério e a profundidade insondável desta adesão enquanto dimensão involuntária.<sup>48</sup> Ricoeur, num artigo de 1996, menciona sua relação inquieta com a figura de Jesus o Cristo diante da insondabilidade da esfera religiosa. Jesus é apenas um modelo a ser seguido? Ou é o substituto de nossas dores que morrera por nós? Ricoeur debate com os extremos: discorda da argumentação que esgota o problema da existência na figura de Jesus, enquanto modelo a ser seguido, como também dos discursos que usam a fé para suportar teorias sacrificiais – que, para Ricoeur, apenas deturpam o próprio ato voluntário de crer.<sup>49</sup> Neste ponto há a relação entre a adesão e a fé, cuja coexistência sustenta a argumentação que torna possível o pensar cristão. Em outras palavras, ocorre o equilíbrio difícil entre o distanciamento e o comprometimento pessoal.<sup>50</sup> Diante deste aspecto, a controvérsia é distinta da aproximação comparativa que se mantém neutra – indiferente de qualquer comprometimento religioso. Há, no cerne da escolha, i.e., da dimensão involuntária, a separação entre compromisso e sectário: escolha *entre* ou escolha *contra*. A primeira leva à aproximação, enquanto a segunda à exclusão.

A sedimentação do problema da adesão religiosa está no que ele chama de “escolha contínua” entre oportunidade e destino. A escolha contínua não se relaciona à escolha sectária [*hairesis*] – antes se dá pela dialética entre comprometimento controverso e distanciamento comparativo.<sup>51</sup> Ricoeur contrasta seu posicionamento ao de Renée Piettre ao declarar: “determinada religião existe somente por se definir diante de outra”<sup>52</sup>. Para Ricoeur, há algo mais. A mera oscilação, no lugar de uma dialética refletida, o abandono da passagem inconsequente de atos voluntários e involuntários, contorce a adesão à determinada tradição confessional. A oscilação é o que caracteriza, para Ricoeur, o “triângulo teológico”: deuses egípcios com cabeças de animais, deuses gregos com forma humana, o *noniconicism*<sup>53</sup> do Deus dos judeus. A oscilação não é apenas teológica, mas filosófica. Representa um movimento comum

---

<sup>47</sup> “Au creux même de ma propre conviction, de ma propre confession, je reconnais qu’il y a un fond que je ne maîtrise pas. Je discerne dans le fond de mon adhésion une source d’inspiration qui, par son exigence de pensée, sa force de mobilisation pratique, sa générosité émotionnelle, excède ma capacité d’accueil et de compréhension.” RICOEUR, Paul. “La croyance religieuse: le difficile chemin du religieux”, In: JACOB, Odile (Org.) *La Philosophie Et L’Éthique*: Université De Tous Les Savoirs T.11; pp. 223-224.

<sup>48</sup> RICOEUR, Paul. *Living up to Death*, 2007, p. 68.

<sup>49</sup> RICOEUR, Paul. *Living up to Death*, 2007, p. 71.

<sup>50</sup> Este é o espírito da “controvérsia” para Ricoeur, contrariando o que Renée Piettre denominou por “posição intelectual subjetiva” Cf. RICOEUR, Paul. *Living up to Death*. 2007, p. 73.

<sup>51</sup> Cf. RICOEUR, Paul. *Living up to Death*, 2007, p. 75.

<sup>52</sup> PIETTRE, Renée *apud* BORGEAUD, Philippe, *Aux origines de l’histoire des religions*, Diogenes 52, no. 205 (January-March 2004), pp. 134-139, p. 135.

<sup>53</sup> Na história comparada das religiões, *noniconicity*: um deus que é um nome, mas sem ídolo em forma humana no modo grego ou misturado à uma forma animal. Cf. BORGEAUD, Philippe. *Aux origines de l’histoire des religions*, Paris, éditions du Seuil (Bibliothèque du XXIe siècle), 2004, 311p.

no pensamento de Ricoeur no qual reflete sua postura por preferir a tradição como um espaço de orientação sem excluir a novidade da reflexão. Um destes deslocamentos encontra-se na orientação da fé para a esperança, implicando um espaço de organização da fé da decisão e da orientação pela memória cultural e os usos da linguagem, pelo valor semântico das palavras.

Portanto, deste modo, a declaração de Ricoeur sobre a fé, “um acaso transformado em destino por uma escolha contínua”, representa, na religião, um movimento de espiral que encarna o horizonte dos possíveis – a saber, o que é possível escolher e o que não é possível escolher. Retomando um de seus primeiros grandes trabalhos, ainda preservados ao final de sua vida em seu pensamento, o acaso é involuntário, a transformação é voluntária, o destino é involuntário e a escolha contínua é voluntária. Faz-se notar o movimento em espiral; um jogo de vai e vem que mantém a centralidade de uma justaposição conflitual; o limite do que é possível fazer e a esperança do que é possível confiar. O acaso transformado em destino por uma escolha contínua, enquanto expressão de fé, é recebido como *providência*, uma vez que nele encontra-se o chão criativo para os horizontes possíveis. A providência abre uma esfera de reflexão até então encerrada por crenças religiosas, de um lado, e convicções racionais, por outro. Entre a crítica e a convicção instaura-se a fidelidade de um destino que, assumido, torna o pensador livre.

### Considerações Finais

Devido a herança e importância cristã, não deveríamos confundir que Ricoeur buscou ou propôs uma filosofia cristã. Pensar em Ricoeur como um filósofo cristão pode prejudicar sua própria filosofia<sup>54</sup>, afinal, ele recusou o título de “filósofo cristão”.<sup>55</sup> O ato de filosofar não deve ser impedido pela convivência do dogmatismo religioso. Entretanto, haveria um prejuízo do mundo se a filosofia reinasse soberana perante qualquer tradição religiosa. *Um filósofo de expressão cristã*; esta é a metáfora da justaposição conflitual entre fé e razão em Paul Ricoeur. As crônicas em *Leituras 3: Nas Fronteiras da Filosofia* são iniciadas com a importância do discurso não-filosófico para a filosofia (movimento pelo qual Ricoeur chama de “retomada”). Não apenas esses textos, mas até mesmo as suas obras genuinamente filosóficas servem-se de um fundo não-filosófico, a saber, a própria religião. *A Simbólica do Mal*, uma de suas primeiras produções volumosas, os mitos desempenham uma tarefa importante na reflexão da aporia do mal. Já em *Tempo e Narrativa*, a religião se faz presente com o papel do mito. Obras como *A Metáfora Viva* e *O Si-mesmo Como um Outro* também carregam motivações religiosas. Esta é uma das consequências do filósofo que assumiu em sua vida um acaso chamado cristianismo e o transformou em projeto de realização pessoal.

### Referências Bibliográficas

AQUINO, Tomás. *Suma Teológica*, Vol. 1., São Paulo: Loyola, 2001.

BLUNDELL, Boyd. *Paul Ricoeur Between Theology and Philosophy: Detour and Return*. Bloomington: Indiana University Press, 2010.

---

<sup>54</sup> Cf. ABEL, Olivier In: RICOEUR, Paul. *Living up to Death*, 2007, p. xix.

<sup>55</sup> Cf. “Fragment 0(1)”, In: RICOEUR, Paul. *Living up to Death*, 2007, p. 69.

- BORGEAUD, Philippe. *Aux origines de l'histoire des religions*, Diogenes 52, no. 205 (January-March 2004), pp. 134-139.
- DOSSE, François. *Paul Ricoeur: Le sens d'un vie (1913-2005)*. Paris: Éditions La Découverte, 2008.
- JANICAUD, Dominique. *Phenomenology and the "Theological Turn": The French Debate*, New York: Fordham University Press, 2001.
- JACOB, Odile (Org.) *La Philosophie Et L'Éthique: Université De Tous Les Savoirs* T.11.
- JUNKER-KENNY, Maureen; KENNY, Peter (eds). *Memory, narrativity, self and the challenge to think God: the reception within theology of the recent work of Paul Ricoeur*. Münster: LIT, 2004.
- KENNY, Peter. "Conviction, Critique and Christian Theology", In: *Memory, Narrativity, Self and the Challenge to Think God: The Reception within Theology of the Recent Work of Paul Ricoeur*. Munster: LIT Verlag, 2004.
- MARCEL, Gabriel. "Compte-rendu", In: *La Nouvelle Revue des Jeunes*, 15, 1932.
- MONGIN, Olivier. *Paul Ricoeur*. Paris: Éditions du Seuil, 1994.
- RICOEUR, Paul. *A Crítica e a Convicção: Conversas com François Azouvi e Mard de Launay*. Lisboa: Edições 70, 2009.
- \_\_\_\_\_. *A Simbólica do Mal*. Lisboa: Edições 70, 2013.
- \_\_\_\_\_. "Intellectual Autobiography", In: *The Philosophy of Paul Ricoeur*. The Library of Living Philosophers XXII, ed. Lewis Edwin Hahn. Chicago: Open Court, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Leituras 3*. Nas Fronteiras da Filosofia. São Paulo: Loyola, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Living up to Death*. The University of Chicago Press : Chicago, 2007.
- \_\_\_\_\_. "Note sur les rapports de la philosophie et du christianisme", In: *Le Semeur*, 1936, n°9.
- \_\_\_\_\_. *History and Truth*. Evanston, Northwestern University Press, 1965.
- \_\_\_\_\_. *Vivant jusqu'à la mort: suivi de fragments*. Éditions du Seuil, Mars 2007, p. 99.
- VERHEYDEN, J. HETTEMA, T. L., VANDECASTEELE, P. *Paul Ricoeur – Poetics and Religion*. Uitgeverij Peeters: Leuven-Paris-Walpole, MA, 2011.
- VINCENT, Gilbert. *La religion de Ricoeur*. Les Éditions de l'Atelier/Éditions Ouvrières: Paris, 2008.

Recebido para publicação em 05-09-16; aceito em 03-10-16